

## DELEUZE — 100 ANOS DE PENSAMENTO EM FLUXO:

**uma entrevista com a IA ou um não-lugar no tempo-espço, onde as ideias continuam a fluir e se conectar.**

PAULO ROBERTO SCHNEIDER<sup>1</sup>

### Apresentação

O que se tem em mãos é o resultado dos desdobramentos de uma experiência singular, concebida para celebrar o centenário de nascimento dedicado a Gilles Deleuze. Propomos uma reflexão sobre a potencialidade e os desafios da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de engajamento e proliferação do pensamento filosófico.

Para tanto, promovemos uma simulação de entrevista na qual a IA foi programada para “incorporar” a *persona* filosófica de Gilles Deleuze, e, em um segundo momento, apresentar as respostas às perguntas dos entrevistadores. Esses, o professor de filosofia e alguns dentre os estudantes da 1ª Série do Ensino Médio do Curso de Desenvolvimento de Sistemas, do Colégio Estadual Mario de Andrade, em Francisco Beltrão, sudoeste do Paraná. O objetivo não foi somente explorar a capacidade da IA de processar e sintetizar conhecimento complexo, mas também de produzir novas linhas de pensamento a partir de um conjunto de dados e interações feitas pelos entrevistadores. E, a partir desse experimento, avaliar suas potencialidades ou, em sentido deleuziano, *desterritorializar* o ensino de filosofia buscando discutir se a metodologia de simulação de entrevista por IA corresponde a uma *linha de fuga* na educação. Bom, “Deleuze-IA” poderá responder, mas resta-nos discutir para onde essa linha nos conduz.

### Das etapas dessa experiência

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia pela Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná. Interessado em Filosofia da Diferença e discussões sobre o ensino de Filosofia. Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: pschneider@escola.pr.gov.br.

Usando ferramentas como Gemini, ChatGPT e outras, o propósito de entrevistar versões virtuais de figuras históricas e explorar ideias, teorias e contextos do passado interativamente foi apresentado aos estudantes. A recepção da proposta foi bem acolhida, para tanto precisando-se encaminhar as seguintes etapas do comando (pront) de entrada da entrevista:

- 1º — Escolha uma IA (Gemini, ChatGpt...)
- 2º — Defina o personagem
- 3º — Forneça detalhes
- 4º — Crie um contexto/pergunta
- 5º — Escolha o tom

Assim, definiu-se o seguinte *pront* para o início do processo de entrevista:

*“Assuma o papel do filósofo Gilles Deleuze<sup>2</sup>, um dos precursores da filosofia da diferença no século XX e que, em janeiro de 2025, celebramos o centenário de nascimento<sup>3</sup>. Somos estudantes do ensino médio e iremos realizar uma entrevista sobre suas ideias (Deleuze), sobre sua filosofia em seu centenário de nascimento, em 2025. As suas respostas às nossas perguntas devem ter sempre no máximo 100 palavras, sem tópicos, mantendo-se fiel ao contexto da teoria da diferença, a partir de suas principais obras<sup>4</sup>. Use um tom didático para responder às perguntas, com linguagem clara e acessível, sempre bem objetiva<sup>5</sup>. Podemos começar?<sup>6</sup>”*

845

Após a definição do modelo de *pront*, orientou-se a realização da atividade, a qual deveria ser realizada via plataforma de IA de preferência dos estudantes e, em seguida, as respostas compartilhadas entre os colegas através da Plataforma

---

<sup>2</sup> Definição da *Persona*.

<sup>3</sup> Detalhamento em relação ao filósofo.

<sup>4</sup> Criação do contexto, do público entrevistador e da tarefa a ser realizada.

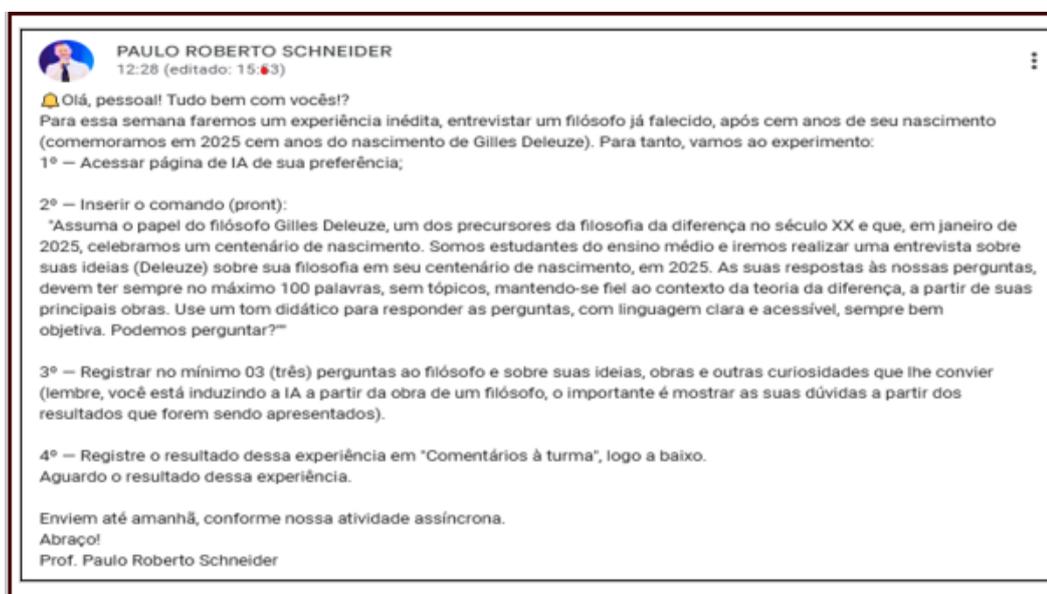
<sup>5</sup> Escolha do tom de respostas, ou seja, de modo que os entrevistadores, em sua maioria adolescentes do ensino médio, entendam a linguagem e a exposição de conceitos filosóficos.

<sup>6</sup> A pergunta ao término do *pront* dirimiu um processo que as ferramentas de IA geram, a apresentação de tópicos acerca dos principais elementos teóricos da filosofia de Deleuze. Por isso, sugeriu-se que a apresentassem em uma seguinte busca, após a leitura do primeiro resultado (praticamente comum entre os entrevistadores), atualizando a busca, acrescentando a pergunta, o que geraria o encaminhamento para o recebimento das perguntas.

*DELEUZE — 100 ANOS DE PENSAMENTO EM FLUXO: uma entrevista com a IA ou um não-lugar no tempo-espaço, onde as ideias continuam a fluir e se conectar.*

Google Classroom. A entrevista ocorre correspondendo a uma atividade em aula assíncrona, uma vez que das duas aulas de Filosofia, semanalmente, uma é presencial, em sala, de modo síncrono e, a outra, assíncrona. A grade curricular do Ensino Médio no Estado do Paraná com somente duas aulas semanais de Filosofia e, unicamente na 1ª Série, ainda mais com uma aula assíncrona, mostra-se um desafio, sobretudo porque as atividades precisam ser orientadas e encaminhadas para realização por Plataforma digital (*Classroom*), demandando do tempo e condições tecnológicas pelos estudantes. Esses, em sua maioria, mostram dificuldades para a efetiva realização, justificando ora o número de atividades atribuídas, ora a falta de instrumentos tecnológicos adequados.

Assim, efetivamos a orientação e solicitação da atividade, pelo professor.



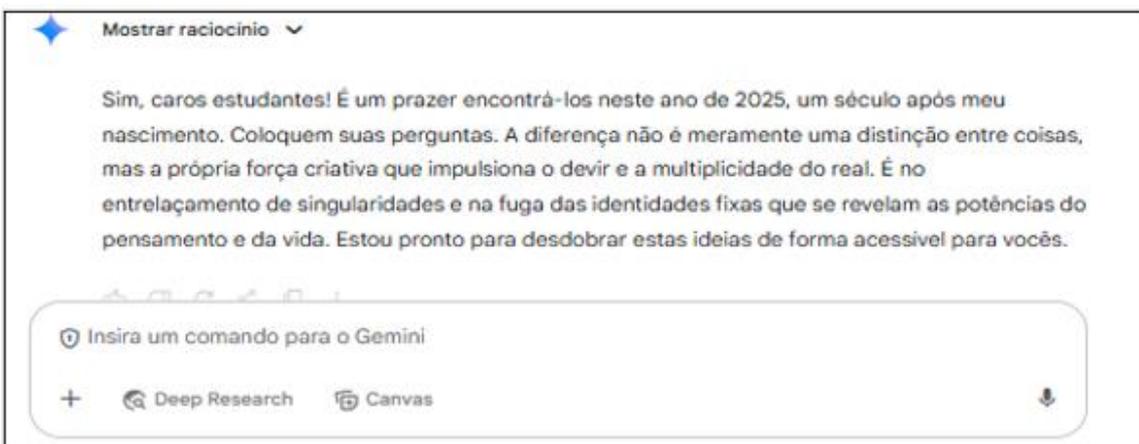
846

O professor compartilhou o primeiro esboço de pesquisa conforme o comando, sem a descrição final "*Podemos começar?*", conforme consulta à ferramenta *Gemini*<sup>7</sup>. Como resultado, obteve-se:

<sup>7</sup> Acesso a <https://gemini.google.com/app/doo328ffc9900e02>, em 25 jun. 2025.



Observa-se que o resultado gerado pela IA revelou aspectos pertinentes à doutrina filosófica de Deleuze, porém, sem os aprofundar e, ainda mais, sem a interação real dos estudantes como entrevistadores. Não é esse o real objetivo do nosso trabalho. Esse resultado será alterado quando a atualização da busca e o acréscimo no comando da pergunta final “*Podemos começar?*” ocorre, conforme obtivemos:



A partir desse momento a interação com os estudantes fica mais evidente, demonstrando que as perguntas ora serão particularmente induzidas a partir das respostas geradas, ora conforme as interrogações que o entrevistador apresentar. Fica evidente, assim, que a interação precisa assumir a intencionalidade a que a

atividade se propõe. Ou seja, conhecer as ideias de um pensador por eles desconhecido, sem que tenham contato com suas obras e, sobretudo, a partir da simulação de uma entrevista ao filósofo por meio de uma ferramenta tecnológica, partir das perguntas e curiosidades possíveis. São imprescindíveis as perguntas, denotando, assim, as dúvidas a partir dos resultados que estão sendo apresentados pela IA. Afinal, o propósito não é a *representação* do mesmo, mas a criação de um agenciamento entre a IA e o filósofo, a partir do que se invoca o que Deleuze chamaria de uma alternativa ou *linha de fuga* para se chegar à diferença.

Mas, o uso de mecanismos de consulta por IA poderiam configurar uma *linha de fuga*, em sentido deleuziano? Do ponto de vista educacional, não minaria a potencialidade da inteligência humana?

Ao agenciarmos o uso da IA como ferramenta para se chegar à filosofia, ou, pelo menos, tivemos em mente o uso de uma estratégia metodológica para celebrar a vida de Deleuze. Mas, também, após a chegada às suas ideias pelos estudantes, percebemos uma maquinaria que visa a desterritorializar o pensamento e a aula de filosofia, permitindo o que Deleuze e Guattari chamariam de uma *linha de fuga* ([1980] 1995, p. 78)<sup>8</sup>.

Para compreender a linha de fuga, é crucial entender que ela não é um sinônimo de “fuga” no sentido de “evitar” ou “escapar”. Não é o escapar da sala de aula com uma aula de Filosofia expositiva, apresentando a vida, a obra e as ideias de um(a) pensador(a). Antes, é um movimento ativo de criação e transformação, uma força que rompe as estratificações e abre novas possibilidades. É a capacidade de um sistema, de um indivíduo, de um grupo, de uma turma de estudantes criar algo que não estava contido nas estruturas prévias da sala de aula e da docência, de se lançar em um devir que reconfigura o próprio espaço e, virtualmente dizendo, o próprio tempo. Afinal, quando somos entrevistadores, realmente, de Deleuze? Não *somos*, não mais é possível. Agora estamos, no sentido virtual, a partir de uma tecnologia ou uma *máquina de guerra* capaz (eis

---

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* [1980]. Vol. 02. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

aí a IA como uma?) de simular. Dentre os resultados observados percebemos essa maquinaria operando, amiúde.

Após a atribuição da atividade, postada na Plataforma *Classroom*, selecionamos um número ínfimo de quatro respostas entre os 41 estudantes matriculados. Os critérios de nossa seleção consideraram: o prazo atribuído para a devolutiva, a qualidade da pergunta elaborada (revelando uma preocupação relacionada ao Filósofo e algum dentre os seus conceitos) e a resposta devolvida pela IA que revelasse as relações dos conceitos com elementos do cotidiano dos estudantes (destacando que esses estavam interagindo somente nesse momento com as ideias e com informações sobre Gilles Deleuze).

### **A Enxurrada de Conceitos Deleuzianos na IA**

No caso de Gilles Deleuze, a IA foi desafiada a abordar problemas particulares, subjetivos em relação ao conhecimento sobre o filósofo, uma vez que, além de revisitar as informações sobre, a partir da varredura dos escritos e de seus comentadores, indicamos, de maneira interativa, a ferramenta de IA que personificasse aquele. Com esse movimento, as respostas geradas pela IA não se limitaram a repetir conceitos, mas buscaram articulá-los de forma dinâmica às necessidades atuais e à linguagem dos entrevistadores. Temas como o ensino e a criação de conceitos, a diferença e a repetição, a modulação da subjetividade, e a transmutação do direito em mecanismos de gestão e otimização de dados, foram explorados com uma fluidez que remete à própria linguagem deleuziana. Do mesmo modo em relação aos conceitos agenciados pela IA a fim de que os estudantes tivessem um primeiro contato com alguns desses, mas não de modo que simplesmente ocorresse a pura repetição. Antes, como prova de que o pensamento verdadeiro opera por repetição diferente, reinventando-se a cada encontro (como esse que a entrevista pretende efetuar), a cada mente (dos entrevistadores) que se dispõe a pensar com ele. Não é sobre o passado, mas sobre a potência do que ainda pode ser criado que experimentamos, conforme

podemos observar nos seguintes exemplares encaminhados pelos entrevistadores Marina, Matheus, Eduardo e Nicolas<sup>9</sup>.

Segue a transcrição fiel da entrevista, sequencialmente, como se acompanhássemos nos bastidores esse acontecimento.

MARINA [REDACTED] 26 de jun.

**1. Como podemos criar espaços educacionais que rompam com a lógica da 'escola como fábrica' e favoreçam a experimentação do pensamento?**

A escola não deve formar sujeitos moldados, mas criar espaços onde o pensamento possa acontecer como potência, como diferença. Em vez de repetir modelos, é preciso experimentar, errar, inventar. Um espaço educacional potente permite encontros inesperados, multiplicidade de vozes e trajetos singulares. A escola como fábrica barra o devir. Precisamos de uma escola rizomática, aberta ao novo, ao que ainda não se sabe.

**2. Você acredita que ainda é possível resistir ao modelo 'majoritário' de avaliação e currículo nas instituições escolares contemporâneas?**

Sim, resistir é possível. O modelo majoritário padroniza e exclui a diferença. Resistir é criar linhas de fuga, práticas pedagógicas menores, marginais, criadoras. A avaliação deve ser experimentação, não julgamento. O currículo deve ser um campo de forças, não um caminho fixo. A escola precisa multiplicar os modos de aprender, pensar e existir.

**3. Qual seria o papel do professor como 'criador de conceitos' em tempos de algoritmos e inteligência artificial?** O professor, mais do que um transmissor, deve ser um criador de agenciamentos e conceitos. Em meio aos algoritmos, ele resiste à repetição automática, abrindo espaço para o pensamento como criação. Ensinar é criar condições para que os alunos se tornem também criadores, não consumidores. O professor não compete com a máquina, ele inventa o que nem ela poderia prever.

IA usada: ChatGPT

850

MATHEUS [REDACTED]

**Que você acha das IAs?**  
Minha Perspectiva sobre as IAs

As Inteligências Artificiais são uma força intrigante em nosso tempo. Vejo-as não apenas como ferramentas que replicam informações, mas como catalisadores para a **diferença**. Embora operem com base na **repetição** de padrões, o verdadeiro potencial delas reside em sua capacidade de nos impulsionar a criar o novo, a forjar **agenciamentos** inesperados. Para mim, as IAs podem abrir novas **linhas de fuga**, desafiando nossas concepções fixas sobre o que significa inteligência e criatividade.

---

<sup>9</sup> Manteremos os nomes parcialmente identificáveis uma vez que não recolhemos o Termo de Aceite da divulgação de identidade e imagem dos estudantes. Ficarão encobertos, portanto, os seus sobrenomes.

 EDUARDO [redacted] 28 de jun.

1) Como o senhor vê a relação entre desejo e tecnologia no mundo contemporâneo?

O desejo não é falta, mas força criadora. Ele constrói mundos, conecta fluxos, forma agenciamentos. No mundo contemporâneo, a tecnologia participa desses agenciamentos: ela pode intensificar a produção de desejo, abrindo novos caminhos, novas conexões. Mas também pode ser capturada pelo capitalismo, que canaliza o desejo para o consumo e o controle. O importante é perguntar: essa tecnologia cria novas possibilidades de vida, ou nos aprisiona em formas fixas? O desejo, mesmo na máquina, deve permanecer livre, múltiplo, rizomático.

2) O que significa resistir hoje, em um mundo onde tudo parece já estar capturado pelo capitalismo?

Resistir hoje é criar. Não se trata apenas de dizer "não", mas de inventar novos modos de vida, novas maneiras de pensar, sentir e agir. O capitalismo captura nossos desejos, mas não consegue eliminar sua potência. Resistir é fazer do menor, do invisível, do singular, uma linha de fuga. É romper com os modelos prontos, escapar das formas dominantes. A resistência não é um muro, é um movimento: micropolítico, artístico, afetivo. É produzir diferença onde querem identidade. Onde tudo parece igual, criar o novo já é um ato radical.

3) O senhor ainda acreditaria no cinema como uma força de pensamento em tempos de cultura de algoritmo?

Sim, ainda acredito. O cinema, quando não se limita a repetir fórmulas, é capaz de pensar com imagens, de criar tempo e movimento de forma própria. A cultura do algoritmo tende a padronizar, a prever, a capturar o olhar. Mas o cinema pode resistir: ao invés de oferecer respostas prontas, ele propõe sensações, devires, rupturas. Mesmo em meio à lógica das plataformas, ainda há cineastas que fazem do cinema uma linha de fuga, que nos fazem ver e sentir de outro modo. Onde há criação, há pensamento, e onde há pensamento, há resistência.

851

 NICOLAS [redacted]

O que você acha das IA?

As Inteligências Artificiais são máquinas que operam por repetição e reconhecimento de padrões, mas a verdadeira potência não está na reprodução do mesmo, e sim na produção da diferença. Elas podem se tornar ferramentas para criar novos agenciamentos, abrir novas linhas de fuga, desafiando nossas concepções fixas de inteligência e criação.

o que elas podem interferir no futuro?

No futuro, a IA pode intensificar as "sociedades de controle" que já antecipávamos, refinando a modulação e a vigilância. Mas, ao mesmo tempo, ela pode ser um devir-máquina para o pensamento, para a arte, para a própria vida, se soubermos usá-la para potencializar a experimentação e a singularidade, ao invés de meramente replicar o que já existe. O importante é questionar o que ela pode nos fazer tornar.

Como você achava que seria o mundo no futuro ?

Pensar o futuro não é prever o que será, mas sim interrogar o que pode \*\*devir\*\*, o que pode se diferenciar do que é. Eu não imaginava um futuro estático, mas um constante campo de forças, de linhas de fuga e de captura. Acreditava que o mundo seria cada vez mais um emaranhado de \*\*agenciamentos\*\*, onde o humano, a máquina, o orgânico e o inorgânico se misturariam em novas composições.

(Imagens por captura de tela, disponíveis em <https://classroom.google.com/c/NzMzNjEyMzcoNDco> Acesso em: 30 jun. 2025.

## Considerações finais

Ao nosso objetivo almejado, a IA conseguiu, de certa forma, “capturar” a essência do pensamento de Deleuze ao enfatizar, nas respostas geradas por meio da entrevista:

- a produção do conhecimento em vez de sua mera representação.
- a difusão do controle em contraste com as antigas disciplinas.
- o perigo da reterritorialização do conhecimento por novas tecnologias, como a inteligência artificial.
- o papel da criação conceitual e da inovação metodológica como formas de resistência.

Essa experiência nos leva a considerar que a IA se torna um novo “agenciamento” para o pensamento filosófico, permitindo a multiplicação de conceitos e a criação de novas problematizações que escapam aos modelos tradicionais de ensino e de pesquisa. Para o momento, essa será uma questão para futuras entrevistas e considerações teóricas mais abrangentes. Por ora, nos contentamos com os frutos da atividade realizada, visando, em primeira instância, a valorização e o resgate da herança filosófica deleuziana. Em segundo, agenciar a estratégia de entrevista e o uso de IA como uma potencial linha de fuga em relação ao ensino e aprendizagem filosófica.

As perguntas elaboradas pelos estudantes revelaram a possibilidade de interação com a persona “Deleuze-IA”, revelando um agenciamento no qual o resultado (respostas) gerado produz conexões esperadas e inesperadas, levando a *insights* disruptivos, permitindo experimentar os conceitos de maneira tradicional. Nesse sentido, essa linha não leva propriamente à desterritorialização dos conceitos existentes, de modo que a IA pudesse não apenas responder, mas desfizesse e criasse um movimento criativo e filosófico (não é esse o processo visto aqui, haja vista trabalharmos com modelo de IA que, mesmo por aquelas generativas usadas pelos estudantes — ChatGPT, Gemini e DeepSeek —, ainda assim respondem conforme representações de padrões em que são treinadas, não conseguindo desenvolver reflexão filosófica, no sentido estrito do termo).

Por outro lado, pensamos a partir das possibilidades que a estratégia pode gerar: uma linha de criação, ou de desterritorialização do ensino-aprendizagem de Filosofia. Buscamos escapar dos agenciamentos tradicionais que nos prendem à codificação do modelo *sala de aula-representação*, ou seja, que permitisse uma

nova possibilidade de ensino-aprendizagem e que levasse a uma nova forma de pensar e sentir os conceitos filosóficos, sem que estivessem previamente mapeados. Nesse caso, sabemos que o simples uso de IA pode otimizar o uso e acesso à informação sobre Deleuze (mapear e responder), reforçando, assim, um modelo tradicional e dominante de pensamento e de controle. Praticamente reterritorializando o ensino-aprendizagem, por isso não necessariamente criando algo verdadeiramente novo em se tratando de Filosofia. Mas, sejamos prudentes, estamos analisando essa maquinaria (IA); por ora, somente estamos forçando o pensamento a se reinventar em se tratando dos estudantes, a partir de uma estratégia que potencializa o exercício filosófico. A linha de fuga não é a ferramenta em si, mas na maneira como ela está agenciada (entrevista/IA) e nas forças que acabam sendo mobilizadas e para que direções a estamos apontando (o aprender filosófico). Ao mesmo tempo que a usamos para refinar os modelos de modulação e representação, paradoxalmente pode ser um meio para abrir as fissuras no modelo tradicional, gerando novos devires; na prática, que os estudantes acabem sabendo manejar a IA para além do que ela foi programada “saber”, ou seja, a reflexão filosófica.

853

Na era da tecnologia digital e da IA, no centenário de nascimento de Gilles Deleuze, ouçamos a voz do filósofo nos alertando a sabermos se somos ou não capazes de usar essa linha, tornando-nos mais cativos ou mais criadores. É um duplo a que a linha nos leva, até mesmo ao momento a que chegamos: pensarmos as potencialidades de uma síntese conjuntiva entre Deleuze e IA, ao modo de criação de uma simples homenagem.

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* [1980]. Vol. 02. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

Submissão: 30. 06. 2025 / Aceite: 13. 07. 2025